



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

CONSUMO E PRODUÇÃO CULTURAL: EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS, ÉTICAS E POLÍTICAS ENTRE JOVENS DE FEIRA DE SANTANA (BAHIA-BRASIL)

LARANJEIRA, Denise Helena
Socióloga, Doutora em Educação
Universidade Estadual de Feira de Santana
denise.laranjeira@gmail.com

IRIART, Mirela Figueiredo
Psicóloga, Doutora em Saúde Coletiva
Universidade Estadual de Feira de Santana
mifis36@gmail.com

LUEDY, Eduardo Frederico
Músico, Doutor em Educação Musical
Universidade Estadual de Feira de Santana
eluedy@gmail.com

RODRIGUES, MILENA
Pedagoga, Mestranda em Educação
Universidade Estadual de Feira de Santana
promirodurigues@gmail.com

Resumo

A comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa que busca compreender as formas de expressão e pertencimento social dos jovens de Feira de Santana-BA, em diferentes circuitos de produção, consumo e difusão culturais. Estes circuitos são compreendidos como formas de sociabilidade, cujas dimensões formativas - estética, ética e política - são pouco conhecidas. A literatura sobre culturas juvenis aponta a existência de uma significativa rede de iniciativas culturais gestada e protagonizada por jovens, mas invisibilizada pela mídia e instituições educacionais. A metodologia inspira-se na etnografia urbana e no método cartográfico. Pretende-se identificar trajetos e circuitos de produção e consumo culturais, nos territórios da cidade, como cenários que se descortinam e se resignificam a partir de seus atores no compartilhamento de significados e práticas. São sujeitos da pesquisa jovens ligados a grupos culturais (Hip Hop, Grafite, Poesia, Dança, etc.) nas suas diferenças etárias, socioeconômicas, étnicas, etc. que tecem a trama do cotidiano através de suas práticas individuais e coletivas. À margem do instituído, subjetividades e identidades se formam pelo viés da cultura não hegemônica, demarcando territórios, formas distintas de intervenção e de estar no mundo, construindo sentidos de criação poético-política que traduzem desejos de escuta e pertencimento à cidade. Demandam maior aproximação dos pesquisadores com a comunidade local, visando diálogo colaborativo.

Abstract

This communication presents results of a research that seeks to understand the ways of expression and social belonging of young people in Feira de Santana, Bahia, in different circuits of cultural production, consumption and diffusion. These circuits are understood as forms of sociability, whose formative dimensions - aesthetic, ethical and political - are less known. The literature on youth cultures indicates the existence of a significant network of cultural initiatives gestated by youngsters that are invisible to media and educational institutions. The methodology draws on urban ethnography and the cartographic method. The research subjects are youngsters related to cultural groups (Hip Hop, Graffiti, Poetry, Dance) in their differences of age, socioeconomic status, and ethnic identities, that weave the everyday life through their individual and collective practices. We intend to identify pathways and cultural circuits of production and consumption like scenarios that are revealed and reframed while young people share meanings and practices in the territories of the city. Alongside the established, subjectivities and identities are formed by non-hegemonic culture bias, staking out territories, different forms of intervention and ways of being; creating poetical and political meanings that translate their desire for recognition and belonging to the city. They still require further approximation with researchers and local community, seeking collaborative dialogue.

Palavras-chave: Juventude; culturas; sociabilidades

Keywords: Youth; cultures; sociabilities

1. Introdução

O estudo sobre a juventude como um “problema social” ganhou força a partir da década de 1980, numa conjuntura em que problemas como desemprego, violência e precarização da educação pública se avolumavam. Embora tais problemas continuem atuais, nos últimos anos ganham espaço e pesquisadores voltam-se para os estudos sobre as novas formas de sociabilidade, de organização e de expressão políticas e culturais dos jovens, num cenário em que a cultura de massa, os meios de comunicação e grupos de pertencimento diversos (inclusive os virtuais) passam a dividir as tarefas de educar com tradicionais agências socializadoras, a exemplo da família e da escola.

A escola em sua *temporalidade monocromática* (Pais, 2012) parece ainda pouco permeável às demandas e culturas juvenis. Assim como o autor indagamos por que a escola formal não valoriza e acolhe a criatividade, as performances musicais e/ou corporais que são elementos presentes na cotidianidade de muitos jovens? Os jovens não costumam ter suas experiências de sociabilidade reconhecidas ao adentrar os espaços escolares, passando a assumir quase que tão somente a condição de aluno. Ao lado disso, não podemos perder de vista, que em se tratando de escolas públicas, temos uma maioria de estudantes negros e negras, ou seja, o componente étnico-racial não pode ser abstraído desta realidade ainda marcada pelos estigmas e preconceitos. Nossa trajetória de professores e pesquisadores vem confirmando este cenário. Diante disso, constata-se a difícil tarefa que muitos indivíduos têm de articular a condição ambígua de ser jovem e de, ao mesmo tempo, ter de lidar com as especificidades da escola, concretizada em práticas e valores que nem sempre terão relação com as suas concepções e práticas cotidianas (Dayrell, 1996; Sposito; 2002, 2005).

Em um momento da vida em que muitos dos espaços de participação lhes são parcialmente negados, os jovens investem em atividades e grupos que possam ao mesmo tempo lhes dotar de poder, de reconhecimento, de visibilidade, mesmo que transitórias e não reivindicatórias. Do culto ao corpo, cada vez mais ostensivamente exposto em tatuagens, *piercings*, músculos definidos e roupas estilizadas, até a formação dos grupos em torno da arte e de caráter associativo e solidário, podem-se identificar experiências que revelam sentidos de comunidade e pertencimento étnico, social, religioso, através de diversificadas atividades como: música, grafite, teatro, dança em suas diferentes matizes. Assim, num contexto de crise das instituições socializadoras e da quebra do *continuum* escolarização-trabalho, temos reconhecido a emergência das culturas ligadas ao tempo livre e as novas formas de sociabilidade, que alguns autores têm denominado de “culturas juvenis” (Pais, 2003, 2006; Feixa, 2006), entendidas como formações coletivas produzidas por jovens em torno de estilos e modos de vida, frequentemente ligados à produção e ao consumo culturais. É, pois, nos vazios da experiência escolar, do trabalho escasso e de um futuro incerto, que os jovens investem no cotidiano, inventando formas alternativas de “sobrevivências” coletivas (Maffesoli, 1997).

Partindo deste cenário, acompanhamos Magnani (2005) quando propõe estudar os agrupamentos juvenis contemporâneos através da noção de “circuitos jovens”, buscando articular as referências comportamentais dos sujeitos ao uso e à apropriação do espaço. Nestes circuitos, muitas vezes, a arte (música, poesia, dança, artes plásticas e visuais, teatro etc.) apresenta-se como um elemento fundamental de produção e agregação de sentidos, além de demarcar identidades e fronteiras simbólicas.

Da indagação sobre a (in)visibilidade das expressões político-culturais juvenis nos territórios das cidades surgiu o nosso interesse na investigação que vem sendo desenvolvida desde 2014¹ com o apoio institucional UEFS/FAPESB/CNPq. Assim, a pesquisa tem como foco as formas de sociabilidade, de consumo e de produção cultural na construção de percursos e circuitos juvenis, atravessando o cotidiano da cidade. A intenção é conhecer as redes, os laços, os trajetos, “mediações por meio das quais aquela entidade abstrata do indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, da cidade” (Magnani, 2002, p.17).

Os pesquisadores e bolsistas, junto à linha de pesquisa “Juventudes, cultura e inserção social”, há algum tempo vêm problematizando as relações e tensões entre juventude, educação e cultura em suas multiplicidades de entendimento, buscando dialogar com formas de educação que não venham a didatizar o mundo através dos artefatos culturais, mas expandir propostas de produção de conhecimento.

Em pesquisa anterior, intitulada “Juventude, Escolarização e Inserção social: um estudo em dois contextos da rede pública de ensino do município de Feira de Santana-Ba” (FAPESB, 2008-2010) analisamos os mecanismos de participação presentes/ausentes e as estratégias de mediação sócio-profissional proporcionadas pela escola. Os resultados indicaram a existência de grandes tensões entre a cultura escolar (com seus ritos e hierarquias) e a cultura juvenil (território demarcado por expressões de desejos e possibilidades de manifestações artísticas, culturais e políticas), sobretudo devido à reprodução de práticas pedagógicas escolares pouco permeáveis às expressividades e linguagens juvenis atuais, enfraquecendo potenciais canais de diálogo.

Soma-se a este cenário, como já dito, uma limitada oferta de opções de lazer na cidade, bem como a dificuldade que muitos jovens enfrentam para lidar com os custos das atividades ligadas ao consumo cultural – cinema, teatro, shows etc.

No entanto, os dados coletados também demonstram que muitos jovens em Feira de Santana participam de atividades culturais, como grupos musicais, de teatro e dança. Muitos destes grupos, cabe salientar, encontram-se ligados a igrejas. No tocante a este aspecto, os trabalhos de Silva (2012) e Faria, et al. (2012) apresentaram um “mapeamento” inicial do cenário hip hop da cidade, no qual o circuito gospel emerge com enorme força na cidade. Poderíamos citar também o trabalho de Lima (2010), centrado nas formas de participação cultural de jovens de Feira de Santana, que destacava a escassez e a estereotipia dessas iniciativas no interior das escolas públicas. Outra referência importante para a compreensão das formas de participação popular juvenis é o trabalho de Pinho (2010) de cunho histórico, que mesmo focado em décadas passadas, apresenta um rico cenário cultural num território da cidade, a Rua Nova, bairro popular de Feira de Santana, considerado uma das referências da cultura negra na cidade (afoxés, grupos de reggae e hip hop).

1.1 Juventudes: breve histórico sobre a temática de investigação

A juventude enquanto categoria sociológica é representativa de um lugar dentro de uma ordem social, demarcada por relações de poder, como já assinalou Bourdieu (1983). A oposição entre gerações é uma condição de manutenção da vida social, já que garante uma polaridade de interesses e demandas que pode significar a diversidade e a renovação. A entrada da juventude na vida social, não como mera passagem para a vida adulta, mas como um momento que tenciona os espaços sociais e geracionais, numa conjuntura em que as formas de participação, os cenários políticos, a organização do trabalho se transformam rapidamente, marca a diversidade e as desigualdades nas formas de ser jovem.

Assim, pensar a condição juvenil na contemporaneidade remete ao reconhecimento das heterogeneidades de formas de vivenciá-la a partir de recortes sociais, econômicos, culturais, raciais e de gênero. Viver no campo ou na cidade, estudar numa escola pública ou particular, trabalhar ou estar desempregado, ser homem ou ser mulher, ter ou não ter filhos são algumas variáveis que apontam para a complexidade de se definir os contornos do que venha a ser juventude (Dayrell, 1996; Pais, 2006).

Peregrino (2011) nos convida a pensar a juventude como posição social, ou seja, o que define a condição de ser jovem como categoria não naturalizada, é a sua posição, construída na interação com os espaços sociais e “atravessada pelas divisões que marcam o conjunto da sociedade”, como experiências variáveis e desiguais (p.283). Nas sociedades contemporâneas, o período da juventude prolonga-se na medida em que os processos de emancipação são retardados por diversos motivos, como por exemplo, o prolongamento da vida escolar em função da exigência por uma qualificação maior para enfrentar o mercado de trabalho.

A temática da juventude tem sido objeto de investigação no campo das ciências sociais desde os primeiros anos de sua constituição. O problema geracional como um organizador social, os ritos de passagem nas sociedades primitivas, a marginalidade urbana e a formação de gangues juvenis constituíram estudos antropológicos e sociológicos importantes. A obra *Outsiders* (BECKER, 1985) publicada no início dos anos 60 foi uma expressão desta tendência.

Nos anos de 1960 face a um sistema social em crise, revelador dos conflitos na sociedade, a juventude passa a ser vista como protagonista da instabilidade da ordem vigente ao questionar o *establishment*. A partir de

então, cresce o interesse acerca da desinstitucionalização e fragilidade das agências sociais tradicionais como a família, a escola e o trabalho na ancoragem das transições juvenis. No Brasil, Marialice Foracchi (1972) é considerada pioneira nos estudos sobre juventude, levantando temas que ainda permanecem atuais: a discussão sobre a noção de juventude, as relações geracionais, os processos de transição para a vida adulta, movimentos estudantis.

Nos anos de 1970, o foco das investigações sobre juventude se desloca para a problemática da crise econômica e seus efeitos, com destaque para o desemprego e a exclusão social, fatores que incidem diretamente sobre o jovem (Sposito, 2002). Na década de 1980, há um alargamento dos enfoques sobre os atores sociais juvenis, rompendo com o modelo dominante de jovem classe média, universitário e politizado (Cardoso, 2005).

Desde o fim dos anos 1980 até hoje, não obstante a atualidade da problemática da crise social e econômica e seus efeitos sobre a juventude há uma crescente e considerável ampliação de enfoques sobre o tema. Categorias clássicas nos estudos sociológicos como escolaridade, gênero, participação, raça e geração continuam sendo abordadas em pesquisas de abrangência nacional e de caráter predominantemente quantitativo. Exemplos de tais estudos são aqueles realizados por Abramo et al. (2005), denominado “Projeto Juventude” e Abramovay et al. (2006), “Juventude, juventudes: o que une, o que separa”.

Ao lado destes macro-estudos, há também investigações amplas e de cunho predominantemente qualitativo sobre jovens que buscam dar conta de aspectos mais sutis e não acessíveis por meio de levantamento quantitativo de dados. Magnani (2005) reúne uma compilação de estudos em antropologia sobre os mais diversos circuitos jovens de São Paulo (punks, gospels, pichadores, rappers, forrozeiros). Almeida *et al.* (2006) lançam olhares sobre temas tão diversos como moda, idolatria, gravidez e amor no universo gay. Em meio a esse emaranhado de temas, Pais (2006) apresenta um modelo interessante para se compreender as diferentes culturas juvenis da atualidade, destacando que elas podem ser analisadas através “das socializações que as prescrevem [teorias das gerações ou de enfoques classistas] ou das expressividades (performances) cotidianas” (2006, p.7).

A partir do diálogo entre estes dois focos de investigação é possível transitar entre categorias clássicas dos estudos sócio-antropológicos (geração, gênero, classe) e práticas culturais e de socialização emergentes, sem cair em armadilhas reducionistas.

A terminologia “culturas juvenis” tem penetração, sobretudo, no meio acadêmico, para se referir às formas de expressão do jovem, principalmente no que diz respeito ao seu tempo livre, ligadas ao consumo de produtos culturais (lazer, roupa, música, etc.), enquanto que termos como “tribos” ou “tribos urbanas” tem maior circulação na mídia, para identificar agrupamentos pequenos ligados ao uso de regras, a costumes, marcas exteriores muito distintivas e restritas a determinados espaços.

Sobretudo os jovens “investem” no culto ao corpo, na moda e nos ídolos e produzem agrupamentos tão diversos como os religiosos (carismáticos, gospels), os movimentos político-culturais (movimento negro, ecologista, pelo *copy-left*) e as chamadas “tribos urbanas” (punks, funkeiros, metaleiros, pagodeiros etc.). Estes sujeitos cada vez mais se misturam e são afetados por diversas manifestações grupais ligadas a referenciais muito distantes, fruto de sua condição de inserção em culturas globais híbridas (Canclini, 1998).

Tais mudanças implicam cada vez mais em uma diversidade de formas de vivenciar a condição juvenil, calcadas em formas de identificação, produção e consumo culturais, num campo a que Yudice (2005) e Pais (2006) denominam de performatividades. Nesse sentido, os atos performativos vão se configurar diretamente conectados às questões de classe social, raça e gênero, que ainda produzem clivagens profundas nas experiências do ser jovem; ilustradas, por exemplo, pelos índices de violência e desemprego que impactam mais intensamente negros e pobres.

Nas formas emergentes de organização coletivas, as lealdades mais próximas muitas vezes se sobrepõem às lealdades mais amplas, pretensamente universais. Avaliando a relativa incompreensão de diferentes setores em torno de tais iniciativas, Castells (2002, p.10) pontua que:

Enquanto organizamos, por cima, a nova ordem econômica e tecnológica, um amplo setor de jovens está construindo, por baixo, uma desordem alternativa feita de sua negação a um sistema que os nega. [...] E somente se soubermos como os jovens pensam e vivem, e por que pensam assim, poderemos encontrar uma nova linguagem, fundamento de uma nova política.

Contemporaneamente, há uma tendência de se reconhecer e incluir, na cena pública, novos atores sociais e novas formas de participação. Fazendo uma revisão sobre a Juventude e Participação, nos últimos 10 anos, Boghossian et al. (2009) sinalizam um recorrente desinteresse dos jovens com relação às tradicionais formas de atuar na política, conselhos e fóruns e até mesmo no processo eleitoral. Consideram que nos dias atuais os jovens estariam buscando outras formas de participação porque estariam mais motivados por políticas de identidades, como as de reconhecimento dos direitos humanos (das mulheres, dos negros, dos homossexuais, pela ecologia etc.), pelo direito à cultura e a comunicação. Ao desconstruir a concepção universalista de cidadania, amplamente utilizada nas políticas públicas, Pais (2005) remete tal categoria a um recorte pautado na autonomia do sujeito e nas diferenças individuais, tomando a linguagem, o corpo e o consumo cultural como dispositivos para a subjetivação.

Tendo como ponto de partida estes estudos sobre juventude enquanto categoria plural, alguns focos de análise apresentam-se como relevantes para a construção da problemática de pesquisa que aqui se delinea, como: sociabilidade, cidadania cultural, participação e pertencimento social, que serão debatidas a seguir.

1.2. “Cidadania cultural”: produção e consumo cultural

Canclini (2008) estuda estratégias culturais de participação relacionadas ao consumo cultural e à emergência de uma “cidadania cultural”, enquanto Pais (2005) se refere a uma “cidadania empática”, marcada pelas reivindicações pelo direito à diferença e não apenas “ter” direito, mas também de “inventar” direitos. Assim:

[...] ao repensar a cidadania em conexão com o consumo e como estratégia política, parte de entender “a insatisfação com o sentido jurídico-político de cidadania [que] conduz a uma defesa da existência de uma cidadania cultural, e também de uma cidadania racial, outra de gênero, outra ecológica, [...] (Canclini, 2008, p. 37).

Para o autor, o consumo não é definido “[...] apenas pela racionalidade econômica e não parte de decisões arbitrárias” (Canclini, 2008, p. 62). Isso está associado à idéia de uma suposta irracionalidade do ato de consumir. Cabe, porém, dizer que o desejo de consumir não é independente da cultura coletiva vivida pelos indivíduos, nasce também dessa experiência.

Segundo Barbosa e Araújo:

o consumo cultural dá ordem a significados e indicia inúmeras identidades sociais. Os bens culturais consumidos aproximam ou afastam pessoas e grupos; permitem compartilhar semelhanças e assinalar diferenças de origem e trajetórias sociais; traçam linhas de um sistema de inclusão e exclusão (2009, p. 237).

No cerne das questões sociais e no tocante às culturas juvenis, mais que a disputa pelos meios de produção, tem maior vigor a disputa pela apropriação dos meios de distinção simbólica. Mas por que a cultura teria centralidade nas políticas voltadas para a juventude, ou melhor, demandadas por ela?

É preciso se considerar que as práticas culturais, incluindo-se aí as de consumo, oferecem sentidos de pertencimento, quando os jovens, recorrendo às experiências multiculturais de sociabilidade, compõem repertórios híbridos (Canclini, 2009). Sendo assim, a cultura, enquanto modo de circulação, distribuição, consumo e apropriação dos significados sociais, oferece formas de construção de si e do outro (alteridade).

A hibridação sociocultural das sociedades globalizadas, como analisou Setton (2005; 2012), em que as agências socializadoras tradicionais interagem com matrizes culturais diversas, sobretudo difundidas pelas *mídias*, reconfigura uma matriz multicultural, na qual se inserem os processos de socialização juvenil. Se por um lado, tal hibridação subverte as hierarquias entre cultura hegemônica e culturas periféricas, resultado de um movimento criativo e dialético, por outro, é contraditório e desigual no campo das hierarquias do consumo cultural tido como legítimo ou ilegítimo. Consideram-se as experiências de consumo e de produção

culturais como elementos novos de identificação e diferenciação social dos jovens, instituindo formas de socialização e de sociabilidade híbridas

Num mundo em que se desagregam formas tradicionais de organização social, se multiplicam modos de vida, uma política cultural (inclusive na escola) pode ser um meio de produzir e “ordenar” sentidos, “[...] capaz de animar a vida econômica e simbólica das sociedades” (Barbosa *et al.*, 2009, p.237).

São nas culturas de consumo e nas culturas *mediáticas*, não apenas na sua materialidade, mas, sobretudo como campos simbólicos, em que os sujeitos sociais constroem significados, nas suas diferentes formas de apropriação e de inserção social. Segundo Rocha (2010) a sociedade se *mediatizou*, exigindo visibilidade e instituindo novas “politicidades” e possibilidades expressivas, que para além das institucionalidades (muitas vezes excludentes), oferecem “táticas” de tessituras de lugares e temporalidades alternativas “de expressão, inserção e engajamento” (p.23).

Nesse sentido, há um imenso campo para cartografar as múltiplas formas de se vivenciar a condição juvenil numa cidade igualmente múltipla e desigual. Assim, podemos pensar que as culturas juvenis – formadas em torno das mais diversas produções artísticas – seriam formas privilegiadas para se acessar e compreender os sentidos que jovens constroem e utilizam para ressignificar um mundo cada vez mais complexo, sobretudo porque são os jovens que vivenciam de forma mais intensa a tensão entre as forças instituídas e as instituintes.

A cidadania cultural reivindica formas de pertencimento menos normativas, como direito à diferença, em relação às formas de consumir e produzir cultura, reivindicando formas autênticas de identidade individual e grupal, expressas em múltiplas formas de pertencimento.

A partir de uma perspectiva transdisciplinar, os pesquisadores, se propõem a conhecer as redes, os trajetos, os circuitos e percursos juvenis pelos espaços da cidade, atentos para a produção, consumo e difusão culturais que ocorrem à margem da cultura hegemônica.

2. Percurso da Pesquisa:

Ao se traçar os percursos metodológicos para um estudo sobre as relações entre culturas juvenis, consumo e produção cultural, a prática da pesquisa etnográfica surge como uma inspiração para se aproximar e compreender os circuitos culturais construídos e “praticados” por jovens de Feira de Santana.

A partir desta inspiração, pretendemos definir estratégias metodológicas mais sensíveis à realização do estudo, buscando os significados das práticas coletivas e os modos de subjetivação dos sujeitos. Os circuitos, percursos e trajetos juvenis que constroem e reinventam os espaços da cidade são definidos pelos deslocamentos, encontros, trocas e produção de sentidos entre sujeitos, não como indivíduos atomizados, mas como “variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (Magnani, 2005, p.8).

2.1 Sujeitos e Contexto da pesquisa:

Feira de Santana (Bahia-Brasil), no passado, Santana dos Olhos D’Água, *locus da investigação*, apesar de ser o segundo maior município baiano², com grande diversidade religiosa, econômica cultural e étnico-racial, possui uma limitada oferta de equipamentos culturais, ligados à música, ao teatro, ao cinema e às artes de forma geral. A falta de estudos e registros que melhor caracterizassem a rede de iniciativas culturais gestada e protagonizada por jovens, e invisibilizada pelos meios de comunicação e pelas próprias instituições educacionais, sinalizaram a necessidade de uma aproximação mais ampla com a vida cultural da cidade.

O contexto escolhido para esta investigação são espaços de encontro e expressão culturais, circuitos de produção e consumo culturais dos jovens de Feira de Santana (redes sociais; coletivos de músicos, dançarinos, artistas plásticos, etc.) tendo como sujeitos da pesquisa, jovens nas suas diferenças etárias, socioeconômicas, culturais, étnicas, raciais, de gênero e de escolaridade.

Seguindo portanto, as trilhas já construídas por Magnani (2002; 2005), que nos convida a um olhar etnográfico no cotidiano das cidades, os contextos de investigação irão se delineando à medida da aproximação com os grupos, coletivos e redes de jovens, que tecem a trama do cotidiano através de práticas coletivas, como formas de pertencimento e identificação. Dar conta da complexidade de expressões culturais juvenis construídas em circuitos de consumo e produção desafia-nos a buscar categorias que delimitem e recortem o fluxo de ações, interações e significados co-construídos no encontro entre pesquisadores e pesquisados. O entendimento do espaço urbano no qual sujeitos sociais transitam e constroem referências, delineando **territórios** que se interligam através de **circuitos**, por onde os atores transitam, construindo **trajetos e percursos**, no movimento de se reconhecer e deixar-se ver, atravessados pelas diferenças, desigualdades e formas de solidariedade que caracterizam a dinâmica da cidade.

2.2 Procedimentos:

Os procedimentos e estratégias de produção de dados, através da progressiva incursão em campo, implicam em diferentes movimentos e utilização de diferentes instrumentos, que, por meio da triangulação, complementam-se e complexificam a apreensão da realidade multifacetada e plural.

Iniciou-se pelo mapeamento através da internet dos agrupamentos e coletivos organizados por jovens em Feira de Santana, tendo como foco práticas culturais, mediadas pelas artes (música, dança, teatro, dentre outras). A Internet é aqui assumida não só como artefato cultural, mas como um meio capaz de gerar e gestar cultura. A partir deste levantamento exploratório buscamos caracterizar e classificar estes grupos por meio de categorias prévias como origem, atividades desenvolvidas, dentre outras.

A partir daí a investigação vem se delineando pelo movimento cartográfico de aproximação com alguns sujeitos, através de grupos de debate com diferentes jovens, para pensar a cidade e as formas de pertencimento-exclusão, nas tensões entre centro e periferia, marginalização e coesão.

Outra fonte de dados importante tem sido as entrevistas narrativas, como forma de acessar a dimensão temporal (biográfica e social) na caracterização de histórias de vida de algumas lideranças juvenis. Neste encontro de perto e de dentro, acompanhando as formas de existência/resistência dos sujeitos, os pesquisadores vêm registrando suas impressões, percepções, através de registros fotográficos e anotações em diários de campo. Outro instrumento introduzido ao longo da pesquisa são as oficinas de produção de vídeo sobre a cidade, problematizando e potencializando o olhar sobre os seus fluxos, trânsitos e percursos; além da organização de uma mostra Cultural, integrando as expressividades e linguagens artísticas dos jovens, ampliando a visibilidade e as redes de ação e interação social, política e cultural.

Mapear os circuitos de consumo e produção cultural dos jovens na cidade de Feira de Santana implica mais do que delimitar os territórios e as suas formas de apropriação e fruição. Significa traçar as rotas ou redes por onde os sujeitos se reinventam nas tensões e contradições do espaço urbano.

Sobre o espaço e as relações de interação nele presentes, este não se apresenta como um cenário congelado, mas, “produto da prática social acumulada desses agentes, e também fator de determinação de suas práticas, constituindo assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço” (Magnani, 2005, p. 177). Compreender o espaço urbano através dos circuitos juvenis também é uma possibilidade de exercitar o olhar descentrado do cartógrafo, levando em consideração os múltiplos centros e forças em que se engendram os sujeitos nas suas redes de sociabilidades, comportamentos e estilos de vida.

Nossa pesquisa mesmo adotando a perspectiva dos “circuitos juvenis”, dialogará com as contribuições trazidas pelo enfoque das “culturas juvenis”, dado o seu recorte com o consumo e a produção cultural no espaço da cidade. Interessa-nos, por exemplo, compreender como o rap ou hip hop, que marcadamente representam uma cultura construída em base a elementos musicais e poéticos contestatórios, configura-se em oposição à cultura dominante. Ou seguindo Pais (2003), ao optar por uma concepção dinâmica e antropológica das culturas juvenis, nos interessaria no campo “os modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana” (p.69).



Imagem 1 – Grafite no antigo mercado do bairro Feira VII

No campo micropolítico da pesquisa participativa concordamos com Kastrup (2008) ao introduzir a dimensão processual da subjetividade na pesquisa cartográfica, que implica em diferentes níveis de intervenção: dos participantes, do pesquisador e colaboradores e da própria intervenção em campo, no questionamento crítico da realidade propiciadora de novos posicionamentos discursivos não hegemônicos. Para o cartógrafo o plano da investigação é sempre aberto, já que por meio de alguns fragmentos, novos arranjos estão sendo produzidos. O olhar investigativo buscará alternar focos de análise sobre o todo e suas partes, observar os espaços microssociais, sem perder de vista o contexto socio-histórico-cultural, caracterizando as formas de sociabilidade, de comportamentos, os repertórios sócio-culturais, o que demandará diferentes níveis de análise.

3. Considerações preliminares: os jovens como agentes culturais no cenário de Feira de Santana

Em Feira de Santana - BA, diversos coletivos e grupos culturais juvenis vivenciam sua capacidade de expressão, potência criativa, sobretudo artística e mobilizam formas de intervir, interpretar e construir sentidos sobre a cidade, sobre a cultura e o ser jovem. Essas questões acabam sendo o mote de boa parte dos grupos e coletivos juvenis que existem, em sua maioria, na periferia da cidade. Para além da produção e participação de atividades culturais, esses jovens passam a se envolver e tensionar de maneira direta ou indiretamente o poder público em torno de questões como, por exemplo, a gestão dos espaços públicos ou da reivindicação por mais equipamentos e pelas regras de uso dos mesmos, bem como mais suporte das políticas públicas locais.

Considerando os grupos culturais com os quais dialogamos até este momento da pesquisa, podemos caracterizar um circuito que se constitui pela arte de rua reunindo o grafite, hip hop, poesia, skate, revelando grupos com uma forte relação com a cidade e o seu lugar de origem, associados aos bairros periféricos e espaços marginalizados e esquecidos pelo poder público. Assim, o **Grupo H2F** (Feira Hip Hop) e o **Coletivo Vozes** buscam uma intervenção em ações que transformem a cultura local e atinjam outros jovens por meio da arte revestida de compromisso político, como a denúncia da violência e do extermínio de jovens negros. Esses grupos têm a percepção de que podem levar através de diferentes linguagens expressivas uma mensagem de transformação social nas comunidades em que atuam, lançando luz sobre a realidade social da população. Embora reconheçam que em Feira de Santana há uma grande diversidade cultural, não se veem representados, já que o poder hegemônico não se mostrar interessado em eventos que não resultem em retorno mercadológico. O H2F compromete-se com uma ação dirigida à periferia, num sentido em que toma a periferia enquanto centro, revertendo o campo de forças, quando o que está em discussão é a ocupação/apropriação dos espaços não hegemônicos.

O **Coletivo DiaboA4** atua como editora independente de poesia, promovendo intervenções poéticas e lançamentos de livros na cidade, visando movimentar o cenário cultural ao passo em que valoriza e incentiva

o trabalho de artistas independentes. No segundo encontro em que participaram, a cidade foi o tema preponderante nos debates. A cidade aparece como um problema pela dificuldade de mobilidade urbana, de formação de público para as intervenções culturais, e por estar associada ao estigma do comércio. Com relação ao que buscam a partir da arte, afirmam a importância de ter um posicionamento político, usando como chave a poesia: “na verdade a chave da coisa é falar a poesia pra galera ouvir”. Preocupam-se com a construção de platéia e com o movimento de encontro com as demandas sociais, via linguagem artística: *uma cena é construída, mas é necessária a construção de uma platéia, é preciso ir atrás do público*. Indicam um trabalho colaborativo em construção, através de uma rede de atores sociais e agentes culturais que se apóia mutuamente na organização, produção e divulgação de eventos na cidade. A exemplo do Feira Coletivo,³ que pode ser aqui citado como uma organização que atua através de diversas parcerias com grupos ligados ao circuito alternativo, buscando dar visibilidade cultural a eventos e shows independentes que agregam circulação, troca de tecnologias, intercâmbio, promovendo o acesso e a democratização cultural, onde a produção e o consumo cultural aliam-se também à sociabilidade, à socialização, ao protagonismo juvenil, conectado a circuitos onde se pratica um modelo de organização não prescritivo.



Imagem 2 – Grupo Kiken Sei

Os jovens do **KiKen-Sei** inspirados no K-pop (cultura pop coreana), demonstram um envolvimento intenso com e por causa da arte, através da dança. Mesmo sem levantar bandeiras, potencializam questões, através do corpo e da sensualidade, que envolvem a sexualidade, em sua diversidade. As demarcações típicas, conservadoras e tradicionais, de gênero são dissolvidas sem esforço e sem conflito no momento em que dançam e provocam a platéia. Um público cativo de jovens de ambos os gêneros, entre 15 e 18 anos acompanha o grupo nos encontros que são promovidos no Museu de Arte Contemporânea, espaço que tem contemplado exposições e performances de artistas locais já consagrados e também de uma geração nova de artistas e articuladores culturais.

À margem do instituído, subjetividades e identidades se formam pelo viés da cultura não hegemônica, demarcando territórios, formas distintas de intervenção e de estar no mundo, portando sentidos de criação poético-política que traduzem desejos de escuta e pertencimento à cidade, frente a um poder público que prioriza grupos consagrados na mídia. Percebe-se que as linguagens desenvolvidas por cada um desses sujeitos sociais e coletivos são formas de mediação cultural, entre as demandas sociais, seus desejos e possibilidades de transformação a partir da arte, através de projetos sociais em bairros periféricos, negociando às margens formas de reivindicação, seja por meio de cine-debates, dos recitais de poesias eróticas, da dança sensual e do grafite que traduzem marcas de agentização juvenil na cidade.

Referências Bibliográficas

Abramo, Helena Wendel; Branco, Pedro Paulo Martoni (Orgs) (2005). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa social*. São Paulo: Editora, Fund. Perseu Abramo.

- Abramovay, Miriam; Castro, Mary G. (2006). *Caleidoscópio das violências nas escolas*. Brasília: Círculo de Brasília Editora.
- Almeida, Maria Izabel; Eugenio, Fernanda (Orgs) (2006). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Barbosa, Frederico; ARAÚJO, Herton (2009). Juventude e cultura. In: Castro, Jorge Abrahão de; Aquino, Luseni Maria C. de; Andrade, Carla Coelho de (Orgs.). *Juventude e políticas sociais no Brasil* (pp.223-242). Brasília: Ipea.
- Becker, Howard S. (1985). *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar.
- Boghossian, Cynthia Ozon; Minayo, Maria Cecília de Souza (2009). Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde e sociedade*, São Paulo, 18, 411-423. Recuperado em <http://www.scielo.br/scielo>.
- Bourdieu, Pierre (1983) A “juventude” é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Canclini, Néstor García (1998). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2.ed. São Paulo: Edusp.
- Canclini, Néstor García (2008). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais na globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Canclini, Néstor García (2009) *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Cardoso, Irene (2005). A geração dos anos de 1960 o peso de uma herança. *Tempo Social*. São Paulo, 17, 93-107.
- Carvalho, José Jorge de. (1999). Transformações na sensibilidade musical contemporânea. Porto Alegre, *Horizontes antropológicos*. 11, 53-91.
- Castells, Manuel (2002). Prefácio. In: Abramovay, M.; Waiselfisz, J. J.; Andrade, C. C.; Rua, M. G.. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Brasília: Garamond.
- Dayrell, Juarez (1996). *A escola como espaço sócio - cultural*. In: Dayrell, J. (org). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Faria, Ivan; Silva, Renata Carvalho da, Carneiro, Iane de Jesus (2012). Música, religião e culturas juvenis: o hip hop gospel em Feira de Santana. In: Anais VII Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador.
- Feixa, Carles (2006). Generación XX: Teorías sobre la juventud en la era contemporânea. *Rev. Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Recuperado em: <http://www.umanizales.edu.co/revistacinde>.
- Foracchi, Marialice (1972). *M. A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Kastrup, Virgínia (2008). O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: Castro, L. R.; Besset, V. L. (Org). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 465-489). Rio de Janeiro: Nau.
- Lima, Cléo Emidio dos Santos (2010). *Estratégias de participação juvenil: vivência política e cultural de estudantes do ensino médio público de Feira de Santana*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Maffesoli, Michel (1997). *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina.
- Magnani, José Guilherme C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. Brasileira de Ciências Sociais*. S.Paulo, 49, 11-29
- Magnani, José Guilherme C. (2005). Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*. Rev. de Sociologia da USP. São Paulo, 17, 173-205.

- Pais, José Machado (2003). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (2005). Jovens e cidadania. *Sociologia: problemas e práticas*. Lisboa, 49, 53-70.
- Pais, José Machado (2006) Busca de si: expressividades e identidades juvenis. In: Almeida, Maria Izabel; Eugenio, Fernanda (Orgs). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto* (pp.7-22). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Eugenio, Fernanda (2012). Almeida Maria Isabel Mendes de (Orgs.) *Criatividade, Juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Peregrino, Mônica (2011). Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. *Caderno Cedes: Campinas*, 84, 275-291.
- Pinho, Deise Karla Santana. (2010). *Êta Rua Nova dos Diabos!:* Representações sobre um bairro pobre na cidade de Feira de Santana. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Rocha, Rose Maria de (2010). Cenários e práticas comunicacionais emergentes na América Latina: reflexões sobre culturas juvenis, mídia e consumo. *Rumores: Rev. Online de Comunicação, Linguagem e Mídias*. USP: Escola de Comunicação e Artes. Recuperado em: <http://www3.usp.br/rumores/Atual.asp>
- Setton, Maria da Graça Jacinto (2005). A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social. Rev. de Sociologia da USP*. São Paulo, 17, 335-350.
- Setton, Maria da Graça Jacinto (2012). Experiências de socialização e disposições híbridas de *habitus*. In: Dayrell, Juarez; Nogueira, Maria Alice; Resende, José Manuel e Vierira, Maria Manuel (Orgs.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal* (pp. 38-55). Belo Horizonte: UFMG.
- Silva, Renata Carvalho da. (2012). *Juventude, hip hop e educação: uma pesquisa sobre a trajetória escolar e iniciativas educativas de três grupos de rap de Feira de Santana*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Sposito, Marília. P. (2002). *Juventude e escolarização*. Brasília: COMPED/INEP/MEC.
- Sposito, Marília. P. (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: Abramo, Helena; Branco, Pedro Paulo (Org.). *Retratos da juventude brasileira*(pp.87-128). São Paulo: Fund. Perseu Abramo/Instituto da Cidadania.
- Yúdice, George (2005). *A conveniência da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

¹ A pesquisa está sob responsabilidade de pesquisadores, e estudantes bolsistas da graduação e pós-graduação que atuam no Núcleo de Estudos e Pesquisa Trajetórias Culturais e Educação (TRACE-UEFS).

² Segundo Censo do IBGE (2012) a população total do município é de aproximadamente 606.139 hab., estando situada a 108 Km de Salvador, é a capital do estado. Constituindo-se em polo industrial, de comércio e serviços, sua malha rodoviária conecta-se com as regiões Norte, e Sul do país.

³ O Feira Coletivo Cultural iniciou suas atividades em novembro de 2009, organizando-se como um núcleo cujo principal objetivo é o de movimentar o cenário cultural feirense através do incentivo e valorização do trabalho de artistas independentes e alternativos. Informações disponíveis no endereço: www.feiracoletivo.com.br